



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 16, N° 1 (2022)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,

Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

Faculdade de Educação, UNICAMP. [www.fe.unicamp.br](http://www.fe.unicamp.br)

---

Dos tempos delirantes: *glitches* a f(r)iccionearem multiplididades

*About delusional times: glitches f(r)ictioning multipli-cities*

*De los tempos delirantes: glitches para f(r)iccionar multiplicidades*

Elenise Cristina Andrade<sup>1</sup>  
(<https://orcid.org/0000-0001-8123-6362>)

**DOI:** <https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.5>

**Recibido:** 29/05/2022

**Aceptado:** 23/09/2022

## Resumo

Das reticências. Estaríamos experimentando um desmoronamento da flecha do tempo? Ou apenas um outro movimento de uma mesma repetição, ao almejarmos tanto um «retorno»? Tempos *pós coroniais*! Dos pulsos. Signos em excesso a f(r)iccionearem os tempos. Vontade de expulsar a necessidade de uma determinação a relacionar pensamentos a cognições; cotidianos a realidades; tempos a cronologias; ficções a inexistências. Dos intervalos. *Glitch art* e os desastres. A potência do ruído. (des)educar? Dos lugares. Tempos-espacos efêmeros, longe do equilíbrio, a fissurar um plano-

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana.

cenário para as cidades. Para as educações. Dos gestos. Mínimos. Intesivos. Dos parênteses. Movimentar forças outras em ruídos, traços, fios, fotografias, ruas, lugares, reticências, parênteses. Gestos ínfimos, corpos intensivos a perfurar a estrutura da máquina capitalista, da domesticação das sensações, dos desejos.

*Palavras-chave:* tempo, imagem, filosofia da diferença

### **Abstract**

Suspension points . . . would we be experiencing a crumbling in the arrow of time? Or is it just another movement of the same repetition, when we long for a «return»? Post-colonel(ies) times! About the pulses. Overflowing signs f(r)ictioning time. Willingness to expel the need for a determination to relate thoughts to cognitions; everyday experiences to realities; times to chronologies; fictions to nonexistences. On the gaps. Glitch art and disasters. The power of noise. To (dis)educate? About the places. Ephemeral time-spaces, far from equilibrium, cracking the cities scenarios plan. For the educations. Of the gestures. Minimums. Intensives. Within parentheses. To move forces, other ones, in noises, traces, wires, photographs, streets, places, suspension points, parentheses. Tiny gestures and intensive bodies drilling the capitalist machine structure, perforating the sensations and desires domestication.

*Keywords:* time, image, philosophy of difference.

### **Resumen**

De la reticencia. ¿Estaríamos experimentando un desmoronamiento de la flecha del tiempo? ¿O simplemente otro movimiento de la misma repetición, cuando anhelamos un 'retorno'? ¡Tiempos poscoronales! De las pulsaciones. Signos excesivos f(r)iccianan los tiempos. Voluntad de expulsar la necesidad de una determinación que relaciona los pensamientos a las cogniciones; lo cotidiano a las realidades; tiempos a las cronologías; ficciones a las inexistencias. De los intervalos. La Glitch art y los desastres. La potencia del ruido. ¿(des)educar? De los lugares. Tiempos-espacios efímeros, lejos del equilibrio, resquebrajando un plan-escenario para las ciudades. Para educaciones. De los gestos. Mínimos. Intensivos. Dos paréntesis. Mover otras fuerzas en ruidos, trazos, hilos, fotografías, calles, lugares, reticencia, paréntesis. Ínfimos gestos, cuerpos intensivos perforando la estructura de la máquina capitalista, de la domesticación de las sensaciones, de los deseos.

*Palabras clave:* tempo, imagem, filosofia da diferença

## Das reticências

*Ouvi um estalar estranho. Tateei pelos arbustos e nada vi, apenas a sensação de um entranhar.*

*Um tempo (delirante?) Depois aquela vontade/necessidade de nomear atropelou tudo e todes: sars-cov-2.*

*Ao mesmo tempo (esgarçado?) Ri dos nomes e dessas vontades/necessidades: fronhas, cachecol (o plural seria cachecóis?), marmita, sopa de morcego, Wuhan....*

Um convite irrecusável para participar de um evento na condição de ministrante para um minicurso através da única possibilidade possível em julho de 2020: telas, pixels, *abre o microfone, tá fechado*; vozes sem rosto; *caí, mas consegui voltar*; silêncios e não ter a mínima ideia se foi o seu sinal de internet ou de quem «abriu a reunião» que «caiu de vez». Ao rememorar tal convite me perpassa um estranhamento quase efêmero (em um tempo que (se) esvai) – as possibilidades que acabei de apresentar eram praticamente impossíveis de serem percebidas, já que, pelo menos na minha vivência, nunca havia presenciado uma atividade dessa natureza através de plataformas virtuais.

O corpo prostrado perante uma tela talvez, àquela época (tempos imemoriais após a vacina?), imaginasse rompantes de situações como aquela e que, em breve (que tempo é esse?), retornaríamos (para onde?).

Agora são reproduzidas sobre os corpos individuais as políticas de fronteira e as medidas estritas de confinamento e imobilização que, como comunidade, temos aplicado durante estes últimos anos a imigrantes e refugiados – até deixá-los fora de toda comunidade. Durante anos, nós os mantivemos no limbo dos centros de retenção. Agora, somos nós os que vivemos no limbo do centro de retenção de nossas próprias casas (Preciado, 2020).

Viver na vizinhança da própria morte, a contemplá-la como uma possibilidade real. Este é, em parte, o terror que o confinamento suscita em muitos: a obrigação de finalmente ter de responder por sua vida e por seu nome (Mbembe, 2020).

Corpos, casas, confinamentos. Covid-19. Copos, calças, confirmamentos. Covid-19. Nomes, vidas, vírus. Covid-19. Nomear, convidar, viralizar. Covid-19. . *Brotar(nos) en aislamiento. Volvemos semilla de otro tiempo*<sup>2</sup>. Estaríamos experimentando um desmoronamento da flecha do tempo? Ou

---

<sup>2</sup> «Brotar(nos) em isolamento. Voltarmos semente de outro tempo» (tradução nossa) foi o título de um seminário idealizado a partir do Programa: “Promoção transdisciplinar e transcultural da saúde. Artes, corpo, performance, decolonialidade, gênero(s) e bens comuns” desenvolvido no Espaço-laboratório de arte/s, performance/s, política, saúde e subjetividade/s da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina em julho de 2020. Tal seminário foi coordenado e ministrado pela professora Valeria Cotaimich. Informações retiradas de <https://psicologia.unc.edu.ar/projects/brotarnos-en-aislamiento-volvemos-semilla-de-otro-tiempo/> .

apenas um outro movimento de uma mesma repetição, ao almejarmos tanto um «retorno»? E/ou brotando outros tempos ao germinar outros mundos? Como poderíamos delirar e «[...] conceber um tempo devolvido a si mesmo, portanto não esquematizado, não direcionado, puro campo de vetores sem orientações determinadas?» (Pelbart, 2009, p. 31).

Tempos pós-coroniais<sup>3</sup>... Tateava arbustos e nada via. Deveria? Derivas... A produção de uma peça audiovisual de 2 minutos, *Com-posição*, movimentou-nos em tempos delirantes, «fora dos gonzos» como diria Hamlet, «indomado e indomável – o tempo como o *Desigual-em-si*» (Pelbart, 2009, p. 32). Perambulamos por imagens de um tempo que parecia levitar, uma cidade que nos atravessa em suspensão naquelas ruas desertas de corpos possíveis, mas ainda habitadas pelos corpos de fora, seja porque não havia casas/espços para o confinamento e/ou não lhes era possibilitado viverem sem a movimentação vil do capital financeiro. Sonoridades desta produção que irrompem das vozes de seis mulheres convidadas a lerem trechos de sua escolha do texto abaixo citado... ritmos, sotaques, idiomas, timbres, *Com-posição* na vontade de uma vida expulsa, que pulsa, ainda e ainda e ainda...

Convites invasivos que nos chegam pelas ruas dos pixels: lives, cursos, reuniões, cliques inéditos, shows liberados. Que tempos atravessam tais artes? Que lugares contaminam (ou não) tais fatos? Velocidade da banda larga, uso de dados, smart phones, computadores, formação de professores, pesquisas e orientações e escritas. Que cansaços nos atingem? Questões/tensões envolvendo as relações singulares de cada agrupamento familiar, condições de tentativa de manutenção de saúde física e mental (no convívio da família) assim como a coletiva, nessa situação de nazismo e violência que acomete nosso país. O que pode uma arte urbana quando deslocada da urbe? O que pode uma urbe que desloca a sensação de lugar da cidade? Como a arte urbana, assim re/des-locada pode provocar outras materializações de estéticas marginalizadas? Precisamos discutir e nos envolver com as vidas que pulsam e não apenas na velocidade dos pulsos da internet bandalarga (2020)<sup>4</sup>.

## Dos pulsos

*‘Quantas expulsões são permitidas em um jogo de futebol?’ pergunta ao garçom, depois de vários tintins. logo em seguida (ou teria sido ao mesmo tempo?) grita gol e vibra. Vibrações que percorrem desde a sua pulsação até Itaquera. espaço ínfimo, mas infinito já que não pode estar lá. gol-paisagem-sonho a ser per-corrido sem pressa, ex-pressão a pulsar em cotidianos múltiplos, efêmeros, intensivos. ‘Garçom, mais uma, por favor!’*

<sup>3</sup> Diego Reis assim nomeou seu artigo: *Tempos pós-coroniais* ao abordar problematizações sobre os tempos durante (e pós) o corona vírus flexionando a adjetivação com as discussões pós-coloniais. Disponível em <https://www.n-ledicoes.org/textos/115>.

<sup>4</sup> Texto apresentado como proposta de um minicurso ministrado pela autora desse artigo em 2020 via remota.



**Imagem 1** – *Desa-fios*

**Fonte:** Fotografias de autoria de Kbça postadas em sua conta pessoal no *Instagram*.

Cenas pulsantes a nos possibilitar, através da proliferação de signos em gestos-trajetos não forma(ta)dos, mas em afecção, f(r)iccionar. Tal re/desmontagem entre os parênteses, as letras e os substantivos vieram com Thiago Ranniery (2018). O pesquisador, nesse texto, apresenta potentes articulações de seu movimento escritapesquisa com a instigante pergunta «O que acontece se a pesquisa não passar de ficção?» (p. 982). Para perambular pelo questionamento no campo da pesquisa em currículo, o autor propõe recolocar o «o texto como um espaço-tempo de experimento de imaginação, um campo de montagem» (p. 985) e nos apresenta a f(r)icção como um trabalho de fabulação especulativa na escrita colocando em funcionamento «[...] um trabalho de ficção dentro da verdade [...] e, de algum modo, fazer com que o discurso permita surgir, fabrique, algo que ainda não existe, portanto, ficcione algo» (Foucault, 1980, s/p).

O que não existia, a ideia para o desenho? Ou seriam os meninos passando pela casa? Ou ainda uma arte urbana deslocada da urbe? O artista Kbça<sup>5</sup>, com 15 anos de experiência pelas ruas, nos auxilia a pensar sobre possíveis repostas quando nos conta que estava a passeio<sup>6</sup> quando viu o muro branco e apresentou ao proprietário do imóvel a ideia de lá fazer um grafite, que a aceitou imediatamente. «Foi um domingo e começou a juntar muita criança quando comecei a espalhar as latas de tinta no chão. Tem muita gente usando burro, burrinho, daí eu tirei uma fotografia e comecei a pintar e a pintura dialogava com aquela galera *passante* dali».

<sup>5</sup> Relato realizado via áudio pelo *WhatsApp* em 23/11/17.

<sup>6</sup> Trajeto percorrido envolve a zona rural, situado entre as cidades de Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos, no sertão baiano.

Na ideia inicial do artista não apareciam os meninos montando o burrinho, mas ele permitiu-se ao acaso, proliferando signos que, «às vezes em excesso, são potências não orgânicas, acontecimentos, agenciamentos» (Godinho, 2007, p. 30). Excessos que expulsam a necessidade de uma determinação a relacionar pensamentos a cognições; cotidianos a realidades; tempos a cronologias; ficções a inexistências. Um campo de montagem, um trabalho de ficção. O artista deixa-se afetar por intensidades a-temporais. «Afectos e trajecto, às suas sobreposições, Deleuze chama-lhes diagrama» (Godinho, 2007, p. 195).

Pulsões. Pulsões. Ex-pulsar. Que tempos delirantes irrompem desses gestos-forças? Lugares que escorrem, quase correm. Aposta no caos das linhas do diagrama, funcionamento imprevisível, investindo nas possibilidades táteis dos olhos, visuais do ouvido. Pele que escreve, orelhas que enxergam. Fios-linhas enquanto potentes forças diagramáticas, entendidos como um dos modos de distribuição de multiplicidades (Lapoujade, 2015, p. 225). Delírios por multipli-cidades nem reais nem fictícias, mas uma cidade-expressão em devir, imprevisível e infinitamente potente,

cidade seria feita apenas de limites geográficos, cidades-círculos, cidades-triângulos, como parecem comprovar as imagens do *Google Maps*, mas cresce e se move em vida: o dentista da avenida tal, a costureira da rua qual, a escola é distante do centro, o mercado é perto de casa. Pernas que caminham, carros que se alinham, manequins que esperam, sorvete que passa, camisa que azuleja, prédio que faz sombra. Uma cidade cresce em ramificações diversas que desafiam a lógica estruturante de uma organização que a divide, nomeia, numera, específica, localiza (Andrade; Bastos, 2017, p. 137).

Perambular por fotografias produzidas durante dois projetos de pesquisa<sup>7</sup> desde dentro desses espaços-tempos-fios-diagramas em fluxo é que essa proposta conceitual nos inspira a uma metodologia da pesquisa em experimentações. «As fotografias são, especialmente, um motivo para se estender um território vivo para o pensamento paradoxal persistir. Sem resolver entre uma e outra parte, apostando-se no meio, nas fendas e nos interstícios da criação» (Amorim, 2012, p. 47), nas dobras das reticências, nos intervalos dos pulsos. Multipli-cidades a irromperem das terras soterradas pelo concreto e pelo cimento, dos tempos amarrados nos relógios embutidos em praticamente todos os lugares.

F(r)icionar os encontros com/nas fotografias. Des-alinhar... Vagabundear. Perder-se pelos séculos, pelos instantes. Deslocar-se de “seu” tempo. Escutar as cores. Encruzilhar os sentidos. Deslimitar uma metodologia de pesquisa em escritas não comunicáveis que, *atravessada* pelos gestos, apresente-se

---

<sup>7</sup> A informação com os dados dos projetos de pesquisa constará da versão final do texto caso seja aprovado.

como uma «comunicação de uma comunicabilidade» (Agamben, 2015, p. 60). Gaguejar, balbuciar. Como desentender a escrita, a linguagem, a cognição, a linearidade do tempo-pensamento para potencializar a fissura, o caos e nos lançar aos vestígios dos gestos-pulsos das cidades? Brotar desde dentro dos desentendimentos? Fal(h)ar?

Materialidades em movimento, processos e multiplicidades que não são aproveitados pela máquina [capitalista] interessa-nos – o que está sempre «entre estado», em situação de devir, de aparecer ínfimo e fugidio (como o irrisório, o quase nada, o efêmero, o infrafino ou o insignificante molecular) (Godinho, 2016, p. 34).

## Dos intervalos

*Toca a campainha. me sinto uma parede que é atravessada por corpos de personagens de hq, daqueles que se transmutam pelos interstícios dos tijolos. 'Pró, dá licença!' carona na garupa da bicicleta azul da minha mãe e uma venda, quase na porta da escola, exibindo fitas de balas e pirulitos do batman. toca a sirene. o batman não atravessa paredes, mas é personagem de hq. e a professora, é uma personagem?*

Por entre parênteses (e reticências) a *Glicht art* emerge na vontade de movimentar uma «desprogramação», uma criação pelo acaso, pelo 'defeito', pela falha. Rosa Menkamn, artista das mídias visuais e autora do *Glichtes Studies Manifest* (2011) descreve o *glitch* como uma «maravilhosa interrupção que desloca um objeto de sua forma e discurso ordinários em direção à ruína do significado destruído (tradução nossa)», «uma quebra (real e/ou simulada) de um fluxo de informação ou significado esperado ou convencional dentro de sistemas de comunicação (digitais) que resulta em um acidente ou erro percebido (tradução nossa)».<sup>8</sup>

Falhar, quebrar, errar, desviar um fluxo em (des)comunicação. Paquete (2014) conecta tais movimentos conceituais junto aos «vacúolos de não-comunicação» (Deleuze, 2006), conceito-movimento por onde o filósofo francês apresenta que a comunicação estaria totalmente penetrada pelo dinheiro por natureza e não por acidente. «É preciso um desvio de fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar do controle» (p. 217).

Falhar a fala. Arrastar a criação para/com o esvaziamento de uma lógica de extrema regularização e perpétua funcionalidade, seja tanto dos dispositivos tecnológicos, *softwares*, programas, quanto dos sentidos, das subjetividades, das linguagens.

---

<sup>8</sup> Fonte: <https://www.loosenart.com/blogs/magazine/the-punctum-as-glitch-in-contemporary-art-the-art-of-rosa-menkman>

O erro ou a falha – ou, se quisermos, o Glitch - perante o sistema regular da sociedade atual pode servir como uma contra-lógica ou fuga do sistema da máxima performatividade das meta-narrativas, ampliando a exploração de uma nova poética de micro-narrativas, sendo um elemento nômada para além da linguagem, lógica e comunicação. Tem o potencial de revelar as vicissitudes internas do seu funcionamento que aspira a eficiência (Paquete, 2014, p. 8).

Abraão Filho (2018), ao apresentar os conceitos da *Glitch art* com o enfoque na comunicação, sons e cultura digital, aborda principalmente as manifestações e conceituações acerca do ruído e a desorganização e imprevisibilidade que tal situação/sensação provoca nas comunicações através das programações digitais. Ao chamar Menkman (2011) para desestabilizar tal postura, nos diz:

a ruína do sentido tampouco é pensada nos termos de uma pura negatividade: não se trata de destruir a tecnologia digital e suas formas instituídas, mas *fazer de sua ruína um trabalho* a partir do qual novas formas e sentidos podem emergir (grifo do autor, Abraão Filho, 2018, p. 22)

Outros sentidos, irrupções através da superfície (telas, algoritmos, peles, tecidos, papéis, tempos, espaços). Corpos, desejos, políticas, estéticas. Santos (2018) nos apresenta que Legacy Russell (2020)<sup>9</sup> publica o *The Glitch Feminist Manifesto*. «Aqui, nessa ruptura, com nossa congregação coletiva naquela encruzilhada alucinada e repleta de armadilhas de gênero, raça e sexualidade, encontra-se o poder da falha (tradução nossa)» (Russell, p. 15)<sup>10</sup>. Ana Santos (2018) explora em seu texto o conceito de «capacitismo inerente às expectativas impostas sobre o corpo humano (p. 154)» intensificando o *trans*- como o ruído da normatividade cissexual, uma falha, um erro nos códigos impostos sobre o binarismo de gênero: «Glitch é aquilo que trai a fidelidade do gênero, é a beleza e simultaneamente a tristeza da dor da colisão e o do salto, que em última análise enfatiza a fragilidade do gênero» [tradução de Santos] (Sundén, 2015).<sup>11</sup>

«Dar um branco no momento de digitar a senha, aquela, que sabemos até dormindo»; «dar um pau na impressora quanto estamos perdendo a hora de sair de casa», assim como uma «breve irregularidade na rotação de um pulsar», de acordo com o *Oxford English and Spanish Dictionary, Synonyms, and Spanish to English Translator*<sup>12</sup>. Glitch. Um lapso. Uma eternidade efêmera que desloca e perturba. O que? O pagamento do cartão, o horário de saída de casa, a regularidade do movimento do pulsar, a

<sup>9</sup> Site da artista/pesquisadora: <https://www.legacyrussell.com/GLITCHFEMINISM>

<sup>10</sup> No original: “Here, in that disruption, with our collective congregation at that trippy and trip-wired crossroad of gender, race, and sexuality, one finds the power of the glitch”.

<sup>11</sup> No original: “Glitch is that which betrays the fidelity of gender, it is the beauty and simultaneously the sadness and pain of crashing and skipping, which ultimately emphasizes the fragility of gender”.

<sup>12</sup> Fonte: <https://www.lexico.com/definition/glitch>

estabilização das imagens e sons da arte digital, a comunicação direcional e reguladora dos sentidos, dos desejos, dos corpos, das formas?

(De)formar. (Des)enformar. «(Des)Criar ações. Agir e não agir no plural dos tempos e espaços. Tomar a criar-atividade não como trabalho sobre trama lisa, passada e engomada, mas como re-união de retalhos, costurando, esgarçando, remendando e puindo sentidos» (Rigotti; Oliveira Junior, 2019, p.838). Intensificar os interstícios do processo criativo, incorporar os desastres, não somente como um efeito, mas corpo-ação. «as imagens e as formas produzidas são tão importantes quanto os processos empregados na sua (de)formação» (Abraão Filho, 2018, p. 26) nos diz o pesquisador acerca da *Glicht art* para, logo em seguida, nos apresentar que o questionamento em foco não é saber o que o ruído significa, mas sim como funciona. Neste movimento intensivo, Paquete (2014), ao concentrar sua pesquisa nas artes sonoras e a *Glicht art*, propõe um vacúolo de não-comunicação que «reorganiza e destrói os caminhos do controlo e comunicação, abrindo-se à construção de um espaço de paradoxo» (p.10).

Roubando desses pesquisadores tais propostas, reforçando que as introduções à *Glicht art* aqui trazidas deseja o movimento conceitual a intervalar esse texto, mergulhar na fissura do funcionamento maquínico que arrasta o modo diagramático de distribuição de multiplicidades. Lapsos e falhas a invadirem a máquina abstrata que se liberta da dupla formalização (linguística e semiótica) para distribuir matérias e funções num plano de consistência desestratificado (Lapoujade, 2015, p. 225). Desmoronamento da formalidade, enquanto ordenadora ou organizadora das formas. Ruído-potência. Desastres como tensores da matéria intensiva. Toca a campainha! Inter-valor o campo educação. (Des)educar?

Ana Godinho nos apresenta que um diagrama não são as linhas em si, posto que elas se configurariam em mapas/cartas, mas abarcaria os pontos livres e desligados que as colocam em funcionamento maquínico, já que o «diagrama é uma produção concreta de uma ‘máquina abstrata’; produção de excesso e germinação, poder de demolição e captura» (Godinho, 2007, p. 197). Excesso e germinação de uma exterioridade que emana das dobras de nossos corpos pelas telas, pelas janelas, pelos pixels, e pelos poros, a educação força o movimento de entrada-saída.

Uma linha ínfima, hífen, e-ducuar? *Ducere*, verbo, apresentando o movimento de levar, conduzir alguém; *e*, preposição que indica movimento de dentro para fora, *e-ducere* na intensificação do movimento para fora (Masschelein, 2008). Não poderíamos apostar na assunção dos *glitches*, nas interrupções das comunicações como um intervalo, uma re-existência (s)em e-ducação?

## Dos lugares

*Inventar caminhos pelo sabugo de milho. Uma dica: comer o milho depois de cozinha-lo, sal a gosto e manteiga com muito gosto. Daí perceber, nos 'quadrados', bibliotecas de labirintos. Germinar, por entre os poros das fronteiras dos corredores, fichas catalográficas por onde brotem milhos, coqueiros, maracujás...*

Trair o consenso, a comunicação junto a uma palavra de ordem. «– “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” – perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: - “Eu... to-u... fa-a-zendo.” Fazia vácuos» (Rosa, 2001, p. 68). Vacúolos de comunicação por entre os poros que insistem em transitar pelos corredores que demarcariam os labirintos. Espaços-tempos em fluxos heterogêneos, passagens de modos de vivência procurando encontros para ganhar uma intimidade com o mundo (Wildermann, 2020)<sup>13</sup> e, nessa busca, dis-por-se a um trabalho preparatório, «trajetos que são não formados [...] E é aí mesmo, nesse espaço, que a vida [...] mais intensa e mais potente, germina» (Godinho, 2007, p. 195).



**Figura 2** – Des-fios

**Fonte:** Fotografias de autoria de Marli Wunder postadas em sua conta pessoal no *Instagram*.

Gestos-fios-luzes por Feira de Santana na Bahia; Porto, Matosinhos e Gondomar em Portugal. Multipli-cidades-meninas que, assim como Nhinhinha, seja «pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido» (Rosa, 2001, p. 68) continuam a falar língua a nos movimentar a sair de uma dada humanidade para escutá-la e entendê-la. Extrair das expressões uma humanidade moralizante e fixadora de limites, padrões, gramáticas e deixá-las fluir em produções de linhas de fuga. Potentes fal(h)as. Quase imperceptíveis.

<sup>13</sup> Notas de um encontro do grupo de pesquisa TRACE/Uefs entre o pesquisador e artista ocorrido em 06/08/2020 (pela plataforma *meet Google*)

Tempos-espacos efêmeros, longe do equilíbrio, a fissurar um plano-cenário para as cidades. Para as educações. (Des)educ-ações. (Des)crevê-las com a potência de uma ex-crita que não mais se escreve? O que nos permitiria (e às cidades e às educações) perceber existências frágeis, exigentes de forças caóticas e poderosas, no limite da inexistência, conquistar uma existência mais intensa?<sup>14</sup> «A falha é para aqueles eus alegremente imersos no *entre*, aqueles que viajaram para longe de seu local designado de origem de gênero» (grifo e tradução nossa) (Russell, 2020)<sup>15</sup>. *In-between*, como nos alegra Legacy Russell. Nem lá. Nem cá. Nem somente entre, mas em imanência da quase-impercepção...

Estar aberto aos pequenos e delicados gestos, quase (in)visíveis, quase (in)tocáveis, entendidos com Lapoujade (2017), como a «maneira de fazer existir um ser em determinado plano. [...] Cada existência provém de um gesto que o instaura, de um “arabesco” que determina que será tal coisa. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência» (p. 15). O que nos permitiria (e às cidades, e às educações) perceber existências frágeis, exigentes de forças caóticas e poderosas, no limite da inexistência, conquistar uma existência mais intensa? Como provocar pulsações delirantes que, assim como nos apresenta Peter Pál Perbart, coloquem em xeque o ponto de ancoragem do discurso. Criar um hiato entre a imagem e a fala, «uma espécie de suspensão no automatismo da compreensão» (Pelbart, 2009, p. 38). Vácuo-lar?

A escolha pelos procedimentos e posturas metodológicas aqui apresentados já nos atravessam desde 2014, quando iniciamos um projeto de pesquisa envolvendo *Oficinas* em um colégio estadual no sertão baiano, com aproximadamente 20 estudantes que cursavam o primeiro ano do ensino médio. *Oficinas* como momentos de experimentação, onde foram provocados, através de várias obras artísticas a eles apresentadas, a in-ventarem imagens da cidade que transgredirem uma política da representação<sup>16</sup>, para, então, possibilitar a imersão em uma lógica das sensações, pulsações de lugares recortados pelo instante de um clique sob o olhar deslocado do fotógrafo (Almeida, 2015).

---

<sup>14</sup> «São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tornarem-se mais reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de apreender seu valor e sua importância» (Lapoujade, 2017, p. 41).

<sup>15</sup> No original: «The glitch is for those selves joyfully immersed in the in-between, those who have traveled away from their assigned site of gendered origin».

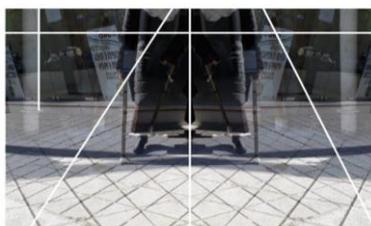
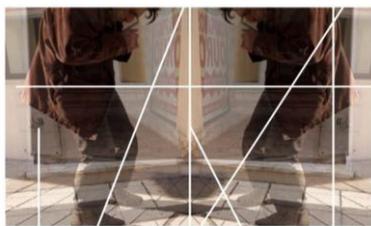
<sup>16</sup> O percurso conceitual aqui proposto é articular a experimentação como uma possibilidade de tensionar o que chamamos de «política representacional». Deleuze, em sua obra *Diferença e Repetição*, nos propõe o conceito de diferença, não fundamentada em comparativos, mas na intensidade do instante singular, gerando movimentações em «repetições» diferentemente diferentes. «O teatro da repetição opõe-se ao teatro da representação, como o movimento opõe-se ao conceito e à representação que o relaciona ao conceito» (p. 31). Partindo deste cenário, tendo como foco a produção e expressão de conhecimentos, sugerimos a adjetivação de uma «política representacional» para refletir sobre as dimensões e os processos envolvidos junto às imagens na produção de pensamentos que escapem ao «já pensado», «já explicado», «já identificado». Segundo Godinho (2007), Deleuze, na conclusão de *Diferença e Repetição*, diz «a representação é o lugar

Essa vivência espaço-temporal foi arrastada para os encontros ocorridos com os estudantes portugueses. Gestos-signos em expansão, e não procedimentos analíticos pretendendo identificar o que as imagens «representam», «o que elas querem dizer», «o que explicam e registram». Linhas de potência em gestos imperceptíveis. Funcionamento maquínico no re-a-linhar o pensar a sensação para o plano educação desconsiderando movimentos que levem a concretizações, centralidades e determinações seja da ciência, da arte, do tempo, dos lugares, da produção de conhecimento ou do próprio pensamento. Chamo Ana Maria Preve (2013) para essa proposta estética e política que as oficinas incorporam ao acionar o modo *on na/da* tensão corpo-gesto-expressão:

Oficina (a palavra, a ideia) inicialmente remete a um lugar que as antigas casas (lembro-me da época de minha infância, início dos anos 1970 no interior) tinham na parte de trás. Se não tinham oficina tinham ferraria (meu pai, meus dois avós, eram ferreiros), e esses lugares abrigavam um tanto de ferramentas que propiciavam a eles a lida com as coisas quando elas perdiam a serventia. Inventavam o novo e davam outros usos ao que se esgotava... Ali havia a possibilidade de se desmanchar, consertar, refazer, inventar, remendar, criar o que, necessariamente, requer outra função e novos sentidos. Desfazer e fazer alguma coisa nas oficinas para aprendê-la sem a supremacia do saber instituído, que geralmente aparece em primeiro lugar em um trabalho escolar, e se instala impedindo outros e outros sentidos (p. 50).

## Dos gestos

*Murmúrios, gritos, narrativas das cores, muros, terras, pedras, árvores, vírus, águas. Terremotos, chuvas, pular amarelinha, plantios, osmose, ondas, sonhar, elétrons. Pixels, ruas, extratos, estratos, termostatos, corpos, telas, cadeiras, carteiras de vacinação.*



---

da ilusão transcendental apresentando-se sob quatro formas interpenetradas que desnaturam o pensamento e recobre com uma imagem que não nos dá o mundo na sua diferença» (p. 64). (Autora, 2019)

A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmizível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade (Couto, 2013, p. 33).



Aproximei-me do microscópio e olhei pela sua lente. O primeiro choque fez dançar as letras de um lado para o outro, mas de imediato se fixaram e li:

«NÃO DIRIGIR A PALAVRA AO NOSSO PÓ».

Afastei o olho do microscópio, desviei a cabeça e olhei de novo para a folha

---

[...]

Perguntei-lhe [a Agam, o escritor da ‘linha’] se ele conseguia ler a linha, foram mesmo essas as palavras que eu usei: Consegue ler a linha sem o microscópio?

Claro, respondeu.

- Não consigo escrever a linha sem o microscópio e sem os meus utensílios de pormenor, mas consigo ler, sem qualquer problema.

(Tavares, 2015, p. 152-153)

### **Imagem 3 a 6** – *Nos fios*

**Fonte:** As imagens 4 e 5 são de autoria de Louise Bastos. As imagens 3 e 6 pertencem ao acervo particular da autora e foram manipuladas digitalmente por Louise Bastos.

## Dos parênteses

*Pourquoi notre future dépend des bibliothèques, de la lecture et de l'imagination (Neil Gaiman).*

*Murmúrios (das) narrativas (nas) terras (cheias de) pedras. árvores (e) vírus (pelas) águas (que) pulam amarelinha. (Seriam as) osmose ondas sonhadas (por) elétrons(?) Pixels extraem termostatos (dos) corpos (e das) telas. (Viva o SUS<sup>17</sup>) e as carteiras de vacinação.*

Fiação, ficção, fricção. «em que medida o futuro pode escapar de programações de toda ordem? Quais são as forças, as potências diagramáticas suscetíveis de “desprogramar” o futuro, de impedir que as mais horrendas programações se realizem?» (Lapoujade, 2015, p. 201).

Talvez, uma das possibilidades seja «desprogramar» os tempos. Uma subjetividade esquizo, como nos propõe Pelbart (2009), a nos fornecer o «o indício de que nosso tempo da vida não é sugado e impellido unicamente pela vampiresca flecha do capital e seu aparelhamento» (p. 31), fazendo emergir temporalidades insuspeitadas. *Oficinas* que aconteceram em um tempo cronológico passado, entre 2014 e 2018, por lugares geograficamente distantes, sertão baiano e norte de Portugal. Gestos *in-between*, nas falhas do que se localiza na cognição estrita e reguladora em direção a uma recongnição. *In/out-corporar* as falhas como encruzilhadas de fios e tensões e maquinações que escapam e que, acima *Dos parênteses*, expressam-se agora por entre os pixels e telas e sensações e corpos e *glitches*.

A essência processual da glitch art se opõe à conservação; a experiência chocante, a percepção e o entendimento do que seja um *glitch* está em um ponto no tempo, não pode ser preservado para um tempo futuro. A bela criação de um *glitch* é estranha e sublime; o artista tenta pegar algo que é resultado de um equilíbrio incerto, uma utopia inconstante, inalcançável, não realizada, ligada à aleatoriedade e desintegrações idílicas. A essência da glitch art é, portanto, melhor entendida como uma história de movimento e como uma atitude de geração destrutiva; é a arte processual do não com-formativo, reformas ambíguas (tradução nossa, Merkman, 2011)<sup>18</sup>.

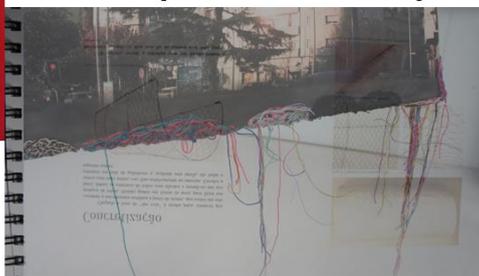
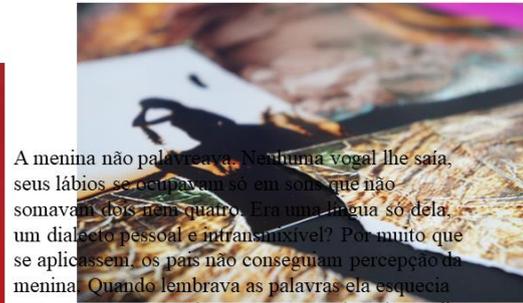
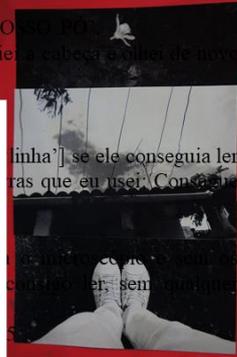
Fios que des-bordam uma delimitação para bordados, fotografias, espirais do caderno, letras e ideias que percorrem a superfície. Ex-correm contra a gravidade e se entrelaçam a «linha» que dá a dançar letras tão imperceptíveis que parecem se negar a formar palavras. O rasgo do pensamento invade o

<sup>17</sup> Sistema Único de Saúde é o órgão institucional brasileiro responsável por toda a vacinação da população de forma totalmente gratuita.

<sup>18</sup> No original: The procedural essence of glitch art is opposed to conservation; the shocking experience, perception and understanding of what a glitch is at one point in time, cannot be preserved to a future time. The beautiful creation of a glitch is uncanny and sublime; the artist tries to catch something that is the result of an uncertain balance, a shifting, uncatchable, unrealized utopia connected to randomness and idyllic disintegrations. The essence of glitch art is therefore best understood as a history of movement and as an attitude of destructive generativity; it is the procedural art of non con-formative, ambiguous reformations.

corpo e ex-pul(s)am as palavras, já que, quando as formas geo-métricas construía(m) o raciocínio perdiam o idioma.

Aproximei-me do microscópio e olhei pela sua lente. O primeiro choque fez dançar as letras de um lado para o outro, mas de imediato se fixaram e li: 'NÃO DIRIGIR A PALAVRA AO NO... Afastei o olho do microscópio, desviei o olhar para a folha



A menina não palavrava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmissível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiram percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua

### Imagem 7 – meio fio

**Fonte:** Montagem realizada com as citações e as imagens de n. 3 a 6.

Aproximei-me do microscópio e olhei pela sua lente. O/A menina, seus lábios somavam um dia. Se apli, menina! O pensamento. O idioma. Primeiro choque fez dança-las, mas de imediato se fixaram e li:

E como o próprio uso da língua não seria profundamente modificado, já que não se trata mais de designar, de manifestar nem de significar? Como a linguagem não tenderia para um limite que a desarticula, a faz gaguejar, como se fosse preciso remontar rumo ao não sentido, ao “troço”, ao “Snark” enquanto exprimível, e rumo ao extra-ser enquanto acontecimento? (Lapoujade, 2015, p. 27)

«Troços», *glitches*, «trecos» delirantes a possibilitarmo-nos um habitar experimental para pensar em tempos capazes de perpetuar a potência da vida e não somente a «vida orgânica» em si. Movimentar forças outras em ruídos, traços, fios, fotografias, ruas, lugares, reticências, parênteses. Gestos ínfimos, corpos intensivos a perfurar a estrutura da máquina capitalista, da domesticação das sensações, dos desejos. Corpos intensivos a produzirem falhas, disfunções, avarias nesta estrutura. Despirmo-nos do corpo preenchido, organizado, autômato, estruturado seja pelas células e reações bio-físico-químicas, sejam pelos controles, linguagens, permissões nas mais diversas dimensões da vida. «será difícil

perceber nossos corpos como antes, será difícil esquecer a porosidade radical que o vírus nos fez reconhecer mais do que qualquer outra experiência que tivemos em comum; será difícil esquecer que carregamos a vulnerabilidade à flor da pele» (Acosta López, 2020).

Tempos desprogramados pela/com (a) pandemia. Corpos-trecos *dando pau* na programação da máquina capitalista. *Glitches* ins-piradores a permitirmo-nos a respiração. Germinações incomuns pelos espaços das vidas ordinárias, nada banais, que de tão comuns, muitas vezes frágeis, gesticulam em singularidades que re-inventam modos de existência.



**Figuras 8 e 9 – Rodo-pio**

Fonte: acervo particular de Louise Bastos. Fotografias por ela produzidas entre julho e setembro de 2020 durante a pandemia. Ruas de Feira de Santana, Bahia

Pi(r)ar. Rodo-piar. Pião que des-afiar os cânones, as estruturas, as normas de uma política de confinamento das vidas. Cores e(m) gestos deslocados a pulsarem em (outras) maquinações. Poros por onde as vidas transitam. Nenhuma vida deveria ser banal. Nenhum privilégio deveria ter a competência de determinar que banalidades seriam ou não permitidas na engrenagem capitalista.

Certos indivíduos (a alegria é um indivíduo), anómalos, desiguais não se deixaram nem deixarão decalcar ou esmagar. Escapam sempre por uma abertura qualquer, micro e móvel, aberrante até. A máquina parece não os absorver, mesmo quando se mostra incansável a transformar tudo em capital. Não sabe o que fazer com os que

não se encaixam nem se integram, os que se “estão a lixar” e criam pequenas areias que lixam elas próprias a engranagem” (Godinho, 2016, p. 32)

Delirar por tempos desmedidos. Ex-trair do bom-senso os limites dos julgamentos morais. F(r)iccionar os rodopios, os fios, os poros os ‘troços’, os *glitches* a romperem com os resquícios anômalos resultantes da operacionalidade pseudoperfeita da máquina. «Porque, bem vistas as coisas, as máquinas não deixam de ser vulneráveis ao trabalho subterrâneo de um certo caos». (Godinho, 2016, p. 33).

## Referências

- Acosta López, M. R. (2020) *Voz e con-tato*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. n-1 editora. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/voz-e-con-tato-maria-del-rosario-acosta-lopez>
- Agamben, G. (2015) *Meios sem fim: notas sobre a política*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. 1ª reimpressão. Belo Horizonte : Autêntica Editora.
- Almeida, E. C. (2015) Que Ichu (des)enquadra em mim? *Revista Alegria*, Dez, (16).
- Amorim, A. C. R. (2012). Imagens para Nilda Alves; Nilda Alves entre imagens. *Revista Teias*. 13(29), 47-59. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24294/17273>
- Andrade, E. C. P.; Bastos, L. M. S. (2017) Gestos imperceptíveis: cidades em (des)ocupações... (des)territorializações. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, 35 (69), p. 37-155. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/553>.
- Autora. (2019) Cidades, gestos, imagens em provocações. En: Guerra, P.; Abdul, L. (Orgs.) *De vidas artes*. 1ed. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, pp. 212-227.
- Couto, M. (2013). A menina sem palavra. En *A menina sem palavra*. São Paulo : Boa Companhia.
- Deleuze, G. (2006) *Conversações*. Trad. Peter Pál Perbart. 5ª reimpressão. São Paulo : Ed. 34.
- Foucault, M. (1980) Interview with Lucette Finas. In: Morris, M., Patton, P. (Eds.). *Michel Foucault: power, truth and strategy*. Sidney: Federal Publications, 1980, p. 67-75.
- Godinho, A. (2007) *Linhas de estilo: estética e ontologia em Gilles Deleuze*. Lisboa : Relógio D’Água Editores.
- Godinho, A. (2016) Máquinas anômalas e nômadas: do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe. En Romaguera, A.; Amorim, A. C. (Orgs.). *Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...* Rio de Janeiro : DP et Alii, 2016.
- Lapoujade, D. (2015) *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo : n-1 edições.
- Masschelein, J. (2008) E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>
- Mbembe, A. (2020) Trad. Ana Luiza Braga. *O direito universal à respiração*. n-1 editora. Disponível em <https://n-1edicoes.org/020>

- Menkman, R. (2011). *Glitches Studies Manifest*. En [https://www.academia.edu/3847007/Menkman\\_Rosa\\_2011\\_Glitch\\_Studies\\_Manifesto](https://www.academia.edu/3847007/Menkman_Rosa_2011_Glitch_Studies_Manifesto)
- Paquete, H. (2014) *Entropia Disfuncional: Noise, Glitch e Caos nas Artes Sonoras*. (Dissertação de Mestrado). Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte. Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/13696>
- Pelbart, P. P. (2009) Imagens do (nosso) tempo. En Furtado, B. (Org.) *Imagem Contemporânea: cinema, tv, documentário, fotografia, videoarte, games...* Vol. II. São Paulo : Hedra, pp. 29-42.
- Preciado, P. B. (2020) *Aprendendo do vírus*. Trad. Ana Luiza Braga e Damian Kraus. n-1 editora. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/26>
- Preve, A. M. H. (2013). Geografias, imagens e educação: experiências. *Entre-Lugar*. (7), 49-66.
- Ranniery, T. (2018) Vem cá, e se fosse ficção? *Praxis Educativa*, 13 (3). Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/11787>.
- Rigotti, G.; Oliveira Júnior, W. (2019) Des-cri(a)ções e educações: e(m) quase(s) *ETD-Educação Temática Digital*, Campinas, SP, 21(4), p.838-839, out./dez. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8656885/21538>
- Rosa, J. G. (2001). A menina de lá. En *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira.
- Russell, L. (2020). *Glitch Feminism*. London: Verso.
- Santos, A. (2018). Corpos transviados, corpos falhados: a arte queer do fracasso no desporto. In *Revista Transversos*. “Dossiê: LGBTTQI. Histórias, memórias e Resistências”. N° 14, set-dez, pp. 150-164. Disponível em < <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index> >.
- Sundén, J. (2015). On trans-, glitch, and gender as machinery of failure, *First Monday* 29(4).
- Tavares, G.M. (2015). *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*. São Paulo : Companhia das Letras